



## É POSSÍVEL SABER QUE HORAS SÃO NO “ENTRE-LUGAR”?

**Alex Alves Fogal\***

\* alexfogal@yahoo.com.br  
Mestre em literatura brasileira pelo Pós-Lit/UFMG.  
Doutorando em literatura brasileira pelo mesmo programa.

**RESUMO:** O objetivo do artigo é contrastar o método crítico de Roberto Schwarz e o de Silviano Santiago, dois grandes nomes no que diz respeito ao tema da posição da literatura brasileira no ocidente. Apesar de se interessarem pela mesma questão, o estudo almeja demonstrar que partem de pressupostos bem distintos e chegam a resultados totalmente diversos. O primeiro, inspirado por autores de ponta da crítica dialética, como Walter Benjamin e Theodor Adorno, se empenha em demonstrar que a condição de nosso sistema literário e de nossa cultura não deve ser pensada a partir de um ponto de vista a-histórico, uma vez que a forma estética possui objetividade e não deve ser resumida a um jogo verbal. Fazer isso seria concebê-la de modo metafísico. Já o segundo, fundamentado por uma lógica pós-estruturalista, via Jacques Derrida, acredita se tratar de uma questão do âmbito do discurso, dependendo, portanto, da maneira como a realidade é “lida” pelo sujeito.

**PALAVRAS-CHAVE:** Roberto Schwarz, Silviano Santiago, método crítico.

**ABSTRACT:** This paper goal is to contrast the critical methods of Roberto Schwarz and Silviano Santiago, two references with regards to the theme of brazilian literature position at the western continent. Despite of the fact that both of them show interest for the same matter, this study will try to demonstrate that they have clearly different premisses. Roberto Schwarz, inspired by the best of the dialectical critic as Walter Benjamin and Theodor Adorno, has the objective to demonstrate that the condition of our literary system and of our culture doesn't has to be interpreted from a non-historical point of view, because the aesthetical form has objectivity and can't be classified like a verbal game. It will be the metaphysic way to think. Silviano Santiago, in its turn, based by an post-estruturalistic logic, through Jacques Derrida theory, believes that the problem need to be observated as a discursive question. Therefore, it depends of the manner that the subject “reads” the situation.

**KEYWORDS:** Roberto Schwarz, Silviano Santiago, critical method.

## INTRODUÇÃO

A preocupação com a especificidade da literatura brasileira no contexto mundial é uma marca do pensamento crítico de Roberto Schwarz. Em uma época na qual a tendência é crer que somos apenas cidadãos do mundo globalizado, a linha de interpretação desenvolvida pelo autor segue uma via diferente. Para ele, o ponto de vista do crítico deve sempre levar em conta aquela que é a faculdade mestra da crítica materialista: “o golpe de vista para o parentesco histórico entre estruturas díspares”<sup>1</sup>. Isso porque a arte, inevitavelmente, lida com matérias e dispositivos gerados fora de seu campo, entretanto, são estes que lhe emprestam substância e lhe configuram dinamicamente. Desse modo, ao contrário do que pensam os adeptos de um formalismo estéril, é limitador pensar a forma estética de modo isolada, hermeticamente fechada em si mesma. Para os desatentos, Schwarz deixa bem claro: “repitamos que o objetivo desse tipo de imaginação não é a redução de uma estrutura a outra, mas a reflexão histórica sobre a constelação que elas formam”. Ao dizer isso, o crítico cita o exemplo de Walter Benjamin – que por vezes tem seu teor materialista negado por uma parcela da academia – ao estudar a importância da organização do mercado para a composição poética de Charles Baudelaire<sup>2</sup>. Nesse sentido, as condições às quais o Brasil está submetido na vida real não podem ser desconsideradas ao pensarmos em sua produção literária, por exemplo. Quando bem interpretadas,

são elas que revelam a especificidade da posição do país no âmbito global.

A partir desse método, Roberto Schwarz aponta que o artista brasileiro e a literatura que este produz ocupam um lugar bem demarcado na realidade, que, por sua vez, é bastante acanhado. Apesar da régua do universalismo tentar espichar o tamanho de nossa literatura e do relativismo absoluto das teorias do descentramento, “a universalidade do melhor que a literatura brasileira produziu não alcançou um reconhecimento universal”, porque permanecemos literariamente invisíveis nos países centrais. É possível dizer que há um provincianismo do centro, que só considera aquilo que foi ali filtrado e considerado, que gera, em grande medida, o aspecto provinciano da periferia<sup>3</sup>. Dizer que a literatura brasileira é invisível não equivale a dizer que não exista, muito pelo contrário. O raciocínio apenas reforça o fato de que, “por mais heterodoxos ou abrangentes que sejamos, não podemos nos articular diretamente com a tradição mundial, que aliás não existe em estado pronto”<sup>4</sup>. Apesar de estarmos num país culturalmente a reboque, onde as novidades dos centros de prestígio possuem peso esmagador, há aqui uma tradição literária local, própria, identificável pela “existência de um conjunto de obras entrelaçadas, confrontadas entre si, lastreadas de experiência social específica”<sup>5</sup>. Portanto, apesar

1. SCHWARZ, Sequências brasileiras, p.28.

2. SCHWARZ, Sequências brasileiras, p. 28.

3. O estudo de Luís Bueno, “Provincianismo e Literatura Mundial”, explora esse problema com muita profundidade e merece ser destacado. BUENO, Provincianismo e literatura mundial, p. 175.

4. SCHWARZ, Sequências brasileiras, p.22.

5. SCHWARZ, Sequências brasileiras, p.20.

6. Um exemplo bastante ilustrativo disso é a análise que Roberto Schwarz faz da relação entre a forma romanesca de José de Alencar e a de Machado de Assis, especificamente aquela desenvolvida em sua fase madura. Em *Um mestre na periferia do capitalismo*, o crítico aponta que “a técnica narrativa das Memórias Póstumas resolvia questões armadas por quarenta anos de ficção nacional e, sobretudo, encontrava movimentos adequados ao destino ideológico-moral implicado na organização da sociedade brasileira. Como se vê, os problemas estéticos têm objetividade, engendrada pela História intra e extra-artística”. SCHWARZ, *Um mestre na periferia do capitalismo*, p. 240.
7. SANTIAGO, *Uma literatura nos trópicos*, p. 12.
8. SANTIAGO, *Uma literatura nos trópicos*, p. 18.

da dificuldade da situação, nossa tradição literária e cultural não paira no ar. Em síntese, não está no “entre-lugar”<sup>6</sup>.

O termo “entre-lugar” remete ao popular ensaio de Silviano Santiago intitulado “O entre-lugar do discurso latino-americano”, cujo interesse central é relativizar a oposição do “discurso” – o termo é do autor – literário do nosso continente ao dos países hegemônicos<sup>7</sup>. Segundo ele, nossa produção artística e cultural não se coloca nem abaixo e nem acima da europeia e sim no “entre”, pois, apesar da dominação que o velho continente nos impôs, a “América Latina institui seu lugar no mapa da civilização ocidental graças ao movimento de desvio da norma, ativo e destruidor, que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus” exportaram para o nosso espaço<sup>8</sup>. Somente essa colocação já geraria uma boa discussão, visto que essa elaboração antitética entre uma cultura “feita” e “imutável” – se é que isso é possível – e uma outra “ativa” e transfiguradora é um pouco forçada. Entretanto, isso desviaria o intuito desse estudo.

Após terem sido apresentadas, resumidamente, as linhas centrais do raciocínio dos dois autores sobre a posição do Brasil e dos demais países periféricos em relação ao centro de organização do mundo, a intenção desse artigo é contrastar as duas argumentações. O intuito de compará-los é deixar claro as diferenças de método que os separam, o que acaba por refletir na maneira como enxergam o objeto. Conforme

espero demonstrar, a formulação de Roberto Schwarz sobre o assunto nos guia para um diagnóstico mais matizado e sóbrio sobre o problema, visto que não se perde em meio a oposições fáceis – a dialética funciona ali em sua mais alta voltagem – e nunca perde de vista a interação entre cultura e processo social, duas características que nem sempre podem ser encontradas no ensaio de Silviano Santiago.

### LEITURAS EM COMPETIÇÃO

O ensaio de Silviano Santiago, referido acima, talvez seja uma de suas produções mais impactantes, uma vez que determinou – e ainda determina, em alguns lugares – os rumos que grande parte da academia seguiu para refletir sobre as relações entre a literatura brasileira e os influxos externos que ela recebe. Em certos contextos, falar de literatura comparada e da relação entre centro e periferia, é falar sobre o “Entre-lugar do discurso latino-americano”. O sucesso que o ensaio alcançou talvez se deva, em grande parte, ao fato dele dizer tudo aquilo que um habitante comum de um país subdesenvolvido gostaria de ouvir ou ler, mesmo que o argumento pareça estar descolado da realidade. Nesse caso, pior para a realidade.

Os fundamentos centrais do texto já ficam claros desde o seu início, quando Silviano Santiago estabelece as bases de seu raciocínio a partir da famosa passagem do texto, Os

*Canibais*, do filósofo Michel de Montaigne. Nela, o rei grego, Pirro, se vê diante dos guerreiros de Roma e fica admirado pela organização que estes apresentam. O rei acha surpreendente que um povo bárbaro fosse dotado de tanta perícia militar e acaba por relativizar o aspecto de barbárie que associava a eles. Para o estudioso, a lição de alteridade serve de metáfora para nos “inscrever no contexto das discussões sobre o lugar que ocupa o discurso literário latino-americano no confronto com o europeu”<sup>9</sup>. O crítico sustenta essa asserção argumentando que

No momento do combate, instante decisivo e revelador, naquele instante em que as duas forças contrárias e inimigas devem se perfilar uma diante da outra, arrancadas brutalmente de sua condição de desequilíbrio econômico, corporificadas sob a forma de presente e guerra, o rei Pirro descobre que os gregos subestimavam a arte militar dos estrangeiros, dos bárbaros, dos romanos. O desequilíbrio instaurado pelos soldados gregos, anterior ao conflito armado e, entre os superiores, causa de orgulho e de presunção, é antes de tudo propiciado pela defasagem econômica que governa a relação entre as duas nações. Mas no momento mesmo em que se abandona o domínio restrito do colonialismo econômico, compreendemos que muitas vezes é necessário inverter os valores dos grupos em oposição, e talvez questionar o próprio conceito de superioridade<sup>10</sup>.

Conforme se vê, o texto é construído com habilidade e a leitura se desenvolve de modo bastante fácil. Entretanto, a fluidez do ensaio não pode deixar que alguns aspectos passem despercebidos. Por exemplo, quando o crítico acredita que o domínio do “colonialismo econômico” é restrito e que as coisas podem mudar caso sejamos capazes de “inverter” os valores para “questionar o próprio conceito de superioridade”. Para Silviano Santiago, basta uma inversão de postura, operacionalizada pela nossa autoestima, para que deixemos de ocupar a periferia do capitalismo. A questão ganha contornos metafísicos e toda a materialidade que a envolve é dissipada pela simples vontade de ressignificar a realidade. Apesar de não parecer passível de execução, a receita apresenta coerência interna, visto que o ensaísta trata o problema como um confronto entre dois “discursos” literários, o latino americano e o europeu. Assim sendo, basta inverter os signos e obteremos a significação desejada. Aliás, estamos apenas no plano da abstração: discurso, valores, conceito. Em nenhum momento considera-se a cultura – no caso, representada pela literatura – a partir de um ponto de vista histórico, que leve em conta a objetividade histórica que atua sobre ela.

A mesma questão é enfrentada de maneira bem diversa por Roberto Schwarz. Primeiramente, para ele, um sistema literário não deve ser concebido apenas enquanto discurso,

9. SANTIAGO, *Uma literatura nos trópicos*, p.12.

10. SANTIAGO, *Uma literatura nos trópicos*, p. 12.

11. SCHWARZ, Sequências brasileiras, p. 17- 20.
12. SCHWARZ, Um mestre na periferia do capitalismo, p. 240.
13. É interessante observar como as técnicas narrativas e humorísticas de Lawrence Sterne no seu *Tristan Shandy* operam em uma voltagem mais intensa em Machado de Assis do que em seu modelo de origem. O que aparentava ser um simples abuso formal ou gracejo no romance inglês, acaba por se tornar, em Machado, um dispositivo romanesco que estiliza o comportamento da elite brasileira. No caso de Oswald, é curioso pensar que, enquanto Mallarmé empregava suas ousadas estéticas para poetizar jardins, o modernista brasileiro se arriscava a utilizar o espaço em branco para abordar, em clave artística, os dilemas do Brasil colônia.
14. O estudo de Roberto Schwarz intitulado “Leituras em competição” focaliza tal questão de maneira crítica e aprofundada. O ensaio está contido em *Martinha versus Lucrecia*, publicado em 2012.

pois é uma força histórica que atua como filtro de nossa formação social<sup>11</sup>. Dessa ótica, quando um escritor ou leitor se vê diante de um problema estético, há ali

um substrato que excede a literatura, substrato ao qual as soluções avançadas devem a força e a felicidade eventuais. As questões de forma não se reduzem a questões de linguagem, ou são questões de linguagem só na medida em que estas últimas vieram a implicar outras do domínio prático<sup>12</sup>.

Consequentemente, como a literatura não é somente um jogo de linguagem, as diferenças que distinguem o Brasil das sociedades que lhe servem de padrão dificilmente deixarão de pesar. Machado de Assis e Oswald de Andrade deram acabamento inovador às fórmulas estéticas de Lawrence Sterne e Stephane Mallarmé, mas nem por isso equivalem a eles no panorama da literatura mundial<sup>13</sup>. Retomando o exemplo de Silviano Santiago, será que o fato dos bárbaros se organizarem de maneira inteligente não bastou para arrancá-los do desequilíbrio e colocá-los lado a lado no contexto universal? Aliás, para a lógica do “entre-lugar”, o reconhecimento universal do escritor geralmente ocorre quando ele é capaz de dar as costas ao acanhado cenário local e consegue fazer com que a universalidade da condição humana se imponha sobre a matéria de seu país<sup>14</sup>. Dito de outro modo, o escritor periférico só alcança

a universalidade quando se julga que foi capaz de contornar – e deixar de lado – as estreitas balizas nacionais. Nesse sentido, surpreendentemente, os adeptos desse ponto de vista parecem achar que a forma artística perde força quando adquire especificidade histórica.

Outra passagem de “O entre-lugar do discurso latino americano” permite uma contraposição esclarecedora entre o ponto de vista dos dois críticos. Nela, Silviano Santiago centraliza a imposição cultural realizada pelos europeus aos indígenas. Ele nos diz o seguinte:

Esse renascimento colonialista – produto reprimido de uma outra Renascença, a que se realizava concomitantemente na Europa, – à medida que avança apropria o espaço sócio-cultural do Mundo Novo e o inscreve, pela conversão, no contexto da civilização ocidental, atribuindo-lhe ainda o estatuto familiar e social do primogênito. A América transforma-se em cópia, simulacro que se quer mais e mais semelhante ao original, quando sua originalidade não se encontraria na cópia do modelo original, mas na sua origem, apagada completamente pelos conquistadores. Pelo extermínio constante dos traços originais, pelo esquecimento da origem, o fenômeno da duplicação se estabelece como única via de regra da civilização<sup>15</sup>.

15. SANTIAGO, *Uma literatura nos trópicos*, p. 16-17.

16. SANTIAGO, Um literatura nos trópicos, p. 16.

17. Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda, publicado algumas décadas antes do ensaio de Silviano Santiago nos apresenta uma linha de interpretação bem diferente. Para Sérgio Buarque, os países da península ibérica, que dominaram boa parte do continente americano, “constituem uma zona fronteira, de transição, menos carregada, em alguns casos, desse europeísmo” genérico e austero que se costuma atribuir ao velho continente. O historiador aponta que “à frouxidão da estrutura social, à falta de hierarquia organizada, devem-se alguns dos episódios mais singulares” da história das nações ibéricas. O autor de Raízes do Brasil cita dois exemplos que comprovam sua tese. O primeiro, diz respeito a um estudo do historiador português Alberto Sampaio no qual ele demonstra que a nobreza lusitana jamais se empenhou em constituir uma aristocracia de costumes fechados. A generalização dos mesmos nomes a pessoas das mais diversas condições nunca foi novidade. Como segundo exemplo, é pontado o predomínio do tupi como língua geral em São Paulo até o fim do século XVII. Assim, com base em Sérgio Buarque de Holanda, é possível dizer que o processo de colonização foi perverso, mas ao contrário do que Silviano Santiago diz, não foi tão ordeiro e monolítico. BUARQUE, Raízes do Brasil, p. 32-124.

O crítico caracteriza o processo de “apagamento” que a colonização europeia imprimiu no contexto americano e afirma que o projeto de civilização imposto pela colonização tem como via de regra o esquecimento da origem, transformando o país colonizado em uma “cópia” ou “simulacro” da metrópole. Segundo a sua interpretação, “na álgebra do conquistador, a unidade é a única medida que conta<sup>16</sup>”, evitando-se qualquer traço de pluralismo, principalmente no que diz respeito à linguagem<sup>17</sup>. Logicamente, o veredicto final não está dado, pois, se como vimos acima, basta inverter os valores e questionar o conceito de superioridade para que deixemos de lado a incômoda posição periférica, como atestar que a América latina se reduz a um simulacro? Isso não seria pertinente. Sabendo disso, Silviano Santiago enxerga um potencial redentor, quase messiânico, no potencial de hibridização que caracteriza sociedades como a nossa, que é fruto da mestiçagem:

O renascimento colonialista engendra por sua vez uma nova sociedade, a dos mestiços, cuja principal característica é o fato de que a noção de unidade sofre reviravolta, é contaminada em favor de uma mistura sutil e complexa entre o elemento europeu e o elemento autóctone – uma espécie de infiltração progressiva efetuada pelo pensamento selvagem, ou seja, única abertura possível que poderia levar à descolonização (...). A América Latina institui seu lugar no mapa da civilização

ocidental graças ao movimento de desvio da norma, ativo e destruidor, que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o Novo Mundo<sup>18</sup>.

Observa-se que “a mistura” é interpretada pelo crítico como instrumento de “descolonização”, pois, em sua visão, a partir de nosso espírito naturalmente subversivo, resultado do “pensamento selvagem”, é que encontraremos a “abertura possível”.

Essa empolgação em relação ao “desvio da norma” pode ser relativizada, pois Silviano Santiago parece desconsiderar que o resultado não é sempre positivo no plano da realidade. Um exemplo disso é o que nos mostra Roberto Schwarz em seu reconhecido ensaio “Ideias fora do lugar”. Nesse estudo, tantas vezes lido equivocadamente no âmbito acadêmico, nota-se que

o escravismo desmente as ideias liberais; mais insidiosamente o favor, tão incompatível com elas quanto o primeiro, as absorve e desloca, originando um padrão particular. O elemento do arbítrio, o jogo fluido de estima e auto-estima a que o favor submete o interesse material, não podem ser integralmente racionalizados. Na Europa, ao atacá-los, o universalismo visara o privilégio feudal. No processo de sua afirmação histórica, a civilização burguesa postulava a autonomia da pessoa, a univer-

18. SANTIAGO, *Uma literatura nos trópicos*, p. 17,18.

salidade da lei, a cultura desinteressada, a remuneração objetiva, a ética do trabalho, etc – contra as prerrogativas do *Anciën Regime*. O favor, ponto por ponto, pratica a dependência da pessoa, a exceção à regra, a cultura interessada, remuneração e serviços pessoais. Entretanto, não estávamos para a Europa como o feudalismo para o capitalismo, pelo contrário, éramos seus tributários em toda linha, além de não termos sido propriamente feudais – a colonização é um feito do capital comercial (...). De modo que o confronto entre esses princípios tão antagônicos resultava desigual: no campo dos argumentos prevaleciam com facilidade, ou melhor, adotávamos sofregamente os que a burguesia europeia tinha elaborado contra arbítrio e escravidão; enquanto na prática, geralmente dos próprios debatedores, sustentado pelo latifúndio, o favor reafirmava sem descanso os sentimentos e as noções que implica.<sup>19</sup>

O raciocínio não é simples e precisa ser acompanhado com calma. Mas, em linhas gerais, temos na passagem transcrita acima, um nítido caso de subversão de ideias, ou melhor, de “desvio da norma ativo e destruidor”, para usar os termos de Silviano Santiago. Porém, o resultado não é dos melhores: a elite brasileira do século XIX adotava um verniz liberal em seu discurso, mas na prática continuava a exercer o jogo do favor e da pessoalidade. Deu-se assim, um liberalismo antiliberal em nossa sociedade, cujas instituições, embora regidas por uma lógica clientelista, “proclamavam as formas e teorias do estado

burguês moderno”, posando de progressista<sup>20</sup>. O arbítrio se torna menos escandaloso porque se esconde atrás de algum pressuposto racional. Fica claro que o resultado da mistura não possui aquele potencial revolucionário que o autor de “O entre-lugar do discurso latino-americano” vislumbra em nossa tendência natural para o “desvio”. Aqui, a subversão leva à defesa da propriedade e à instauração da lógica do favor.

Um outro contraponto interessante pode ser estabelecido se pensarmos em “A carroça, o bonde e o poeta modernista”, um ensaio de Schwarz no qual ele reflete sobre a poesia de Oswald de Andrade e a maneira como o Modernismo formalizou as contradições da sociedade brasileira. O crítico enfoca o poema “Pobre alimária”, de autoria do modernista, e chega a conclusões menos entusiásticas que aquela de Silviano Santiago. O título do ensaio, assim como o conteúdo do poema, faz referência à convivência do bonde – progresso e modernidade – com a carroça – atraso e retrocesso – no cenário do país. Segundo ele nos aponta, a matéria prima de Oswald:

se obtém mediante duas operações: a justaposição dos elementos próprios ao Brasil-Colônia e ao Brasil burguês, e a elevação do produto – desconjuntado por definição – à dignidade de alegoria do país. Esta a célula básica sobre a qual o poeta vai trabalhar<sup>21</sup>.

19. SCHWARZ, Ao vencedor as batatas, p. 17-18.

20. SCHWARZ, Ao vencedor as batatas, p. 18.

21. SCHWARZ, Que horas são?, p. 12.

Conforme se vê, o método formal de Oswald é eficiente para que se chegue a uma estilização das condições históricas do país, mas o “produto”, conforme mostra Schwarz é “desconjugado por definição”. Nesse sentido, a justaposição entre atraso e modernidade é o que nos exprime, sem dúvida, mas não sabemos se deve ser festejada. Talvez, de uma perspectiva pós-estruturalista, seja positivo fazer parte de uma estrutura calcada pelo descentramento, pois a diferença acaba valendo por si mesma, malgrados todos os prejuízos que essa configuração possa trazer para a vida real. No entanto, não parece muito proveitoso para grande parte da população fazer parte de um sistema social desengonçado como um “ornitorrinco”<sup>22</sup>.

Esse movimento de interpenetração entre avanço e atraso “animou a parte crucial de nossa tradição literária”, de Claudio Manoel da Costa ao Tropicalismo e também ocupou posição central nas obras dos principais pensadores do Brasil: Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr<sup>23</sup>. Entretanto, normalmente o tema é associado a uma face nefasta do processo social brasileiro e é entendido como desgraça nacional. Em Oswald é diferente, pois

adquire uma surpreendente feição otimista, até eufórica: o Brasil pré-burguês, quase virgem de puritanismo e cálculo econômico, assimila de forma sábia e poética as vantagens do

progresso, prefigurando a humanidade pós-burguesa, desrecalcada e fraterna; além do que oferece uma plataforma positiva de onde objetar à sociedade contemporânea.<sup>24</sup>

A partir disso, não parece difícil perceber que essa feição otimista parece ter surtido efeito sobre Silviano Santiago. Aliás, em duas passagens de seu ensaio, são nítidas as referências ao poeta modernista. Primeiro, em uma nota de rodapé, na qual, citando Oswald, defende a “mulatização” e ataca as ideias europeias de unidade e de pureza, concebidos como os grandes males do mundo<sup>25</sup>. Em outro momento, na conclusão do texto, o crítico afirma que o “ritual antropófago da literatura latino americana”, está situado entre “a prisão e a transgressão” e em uma série de outros “entres”<sup>26</sup>.

Apesar da inegável importância da lição modernista, é preciso ir devagar com o andar. Roberto Schwarz, vendo a questão pelo outro lado do binóculo, pondera que

corrido o tempo, não parece que o âmbito da cultura se tenha desanuviado, nem aliás o do poder, apesar de os dois mudarem muito. Até segunda ordem, o processo histórico não caminhou na direção dos objetivos libertários que animavam as vanguardas política e artística. Assim aliados à energia que despertaram, estes objetivos acabaram funcionando como ingredientes dinâmicos de uma tendência outra, e hoje podem

22. Ver o ensaio de Francisco de Oliveira, intitulado “O Ornitorrinco”, no qual ele associa nossa formação social descompassada à forma bizarra de um ornitorrinco. Segundo suas palavras, “como é o ornitorrinco? Altamente urbanizado, pouca força de trabalho e população no campo, dunque nenhum resíduo pré-capitalista; ao contrário, um forte agrobusiness. Um setor industrial da Segunda Revolução Industrial completo, avançado, tatibitate, pela Terceira Revolução, a molecular-digital ou informática. Uma estrutura de serviços muito diversificada numa ponta, quando ligada aos estratos de altas rendas, a rigor, mais ostensivamente perdulários que sofisticados; noutra, extremamente primitiva, ligada exatamente ao consumo dos estratos pobres. OLIVEIRA, O ornitorrinco, p. 133.

23. SCHWARZ, *Que horas são?*, p. 13.

24. SCHWARZ, *Que horas são?*, p. 13.

25. SANTIAGO, *Uma literatura nos trópicos*, p. 18.

26. SANTIAGO, *Uma literatura nos trópicos*, p. 28.



ser entendidos como ideologia, de significado a rediscutir. Nem por isto são ilusão pura, se considerarmos, com Adorno, que a ideologia não mente pela aspiração que expressa, mas pela afirmação de que esta se haja realizado. Algo semelhante aconteceu com o Modernismo brasileiro, que tampouco saiu incólume, e cujo triunfo atual, na larga escala da mídia, tem a ver com sua integração ao discurso da modernização conservadora. Em parte a despeito seu, em parte como desdobramento de disposições internas<sup>27</sup>.

Assim sendo, apesar de seu espírito transformador e rebelde, o Modernismo se integra firmemente ao “discurso da modernização conservadora”. Desse modo, apesar de estar a léguas do conservadorismo bruto e defensivo do restante da elite do país, o movimento combinava “à sua indisputável atualização cosmopolita o conservadorismo no âmbito doméstico<sup>28</sup>”. Esculpe-se ali uma noção de progresso despreocupada e bem humorada, através da qual a boa gente brasileira, sem preconceito entre brancos e negros, mas caçoando dos mulatos, “vence o pedantismo lusófilo e põe o pronome no lugar errado, o que é certo<sup>29</sup>”, como se vê no poema “Pronominais<sup>30</sup>”. Ou então em “Aperitivo<sup>31</sup>”, quando a tranquilidade do eu-poético é garantida pela alta do café. Aqui, é preciso muito cuidado. O estudo de Schwarz parte do pressuposto de que “um poeta não melhora nem piora por dar forma literária à experiência de uma oligarquia: tudo

está na consequência e na força elucidativa de suas composições”<sup>32</sup>. E esses requisitos a poesia de Oswald preenche com maestria. A questão fundamental é demonstrar que a fórmula do poeta é eficiente e reveladora quando observada no plano literário, entretanto, não parece adequada quando é alçada à condição de solução para os problemas sociais e existenciais dos artistas e cidadãos de um país subdesenvolvido. Até porque, o autor de *Pau-Brasil*, com sua sagacidade, não paga o preço pela visão encantada e inocente que transmite sobre o país, pois dá a tudo um “certo ar de piada”, eliminado um possível mal estar proveniente de se colocar um sinal positivo no provincianismo<sup>33</sup>. Não parece ser o caso do ensaio de Silviano Santiago, cuja aceitação dessas ideias parece ser sincera.

Pode-se dizer que a perspectiva segundo a qual Silviano Santiago enxerga a situação da cultura e da literatura brasileira – e das demais nações da periferia do capitalismo – é sedutora e atraí, principalmente, pela facilidade da receita. De acordo com seu ponto de vista, para que revertamos a nossa condição, não seriam necessárias profundas mudanças históricas e nem uma reorganização do poder político e econômico no globo terrestre. Para ele, basta que sigamos as premissas de Paul Valéry e de Roland Barthes, cujos argumentos centrais giram em torno da assimilação daquilo que é do outro e da noção de escritura<sup>34</sup>. Dessa perspectiva,

27. SCHWARZ, *Que horas são?*, p. 12.

28. SCHWARZ, *Que horas são?*, p. 22.

29. SCHWARZ, *Que horas são?*, p. 24.

30. ANDRADE, *Pau Brasil*, p. 167.

31. ANDRADE, *Pau Brasil*, p. 169.

34. SANTIAGO, *Uma literatura nos trópicos*, p. 21.

32. SCHWARZ, *Que horas são?*, p. 23.

33. SCHWARZ, *Que horas são?*, p. 28.

35. SANTIAGO, *Uma literatura nos trópicos*, p. 22.

36. SANTIAGO, *Uma literatura nos trópicos*, p. 23.

37. SANTIAGO, *Uma literatura nos trópicos*, p. 26 e 27.

os textos literários não devem ser apenas lidos passivamente pelo leitor, mas escritos novamente, fazendo com que o receptor abandone sua posição tranquila de consumidor e possa estabelecer uma “meditação silenciosa e traiçoeira” sobre o texto original, captando suas “limitações, fraquezas e lacunas”, e rearticulando-o “de acordo com as suas intenções, segundo sua própria direção ideológica, sua visão do tema apresentado de início pelo original”<sup>35</sup>. Essa seria a missão do escritor latino-americano: “brincar” com os signos estrangeiros e subvertê-los a partir da lógica da tradução. Sempre de acordo com sua interpretação individual sobre o mundo<sup>36</sup>. Nesse caso, há a possibilidade da obra segunda acabar por suplantar a primeira, conforme o exemplo de Pierre Menard, citado por Silviano Santiago. Assim relativiza-se a noção de originalidade, pois o exercício de criação não dependeria mais do acaso da invenção. Criar passa a consistir somente em uma “escolha consciente diante de cada bifurcação”, pois a “assimilação do livro pela leitura já implica a organização de uma práxis de escritura”<sup>37</sup>. Desse modo, se todos assimilam para poder criar, inclusive os europeus, nada é cópia e tudo é modelo.

Caso a breve exposição do argumento não tenha sido injusta com o raciocínio de Silviano Santiago, temos aí uma situação exemplar para opô-lo ao de Roberto Schwarz e, claro, verificar a validade de sua reflexão. Schwarz, em um

ensaio no qual discute a legitimidade do trânsito entre análise estética e reflexão histórico-social, toca no assunto da possibilidade de uma forma romanesca europeia assumir feição local e, portanto, estilizar elementos típicos de nossa formação social. Enveredando-se por esse caminho, o estudioso chega, inevitavelmente, à questão da relação entre obra original e cópia. O parecer emitido é bem diverso do de Silviano Santiago:

Há também a possibilidade de a *cópia* (no sentido de obra segunda, por oposição à obra primeira) resultar superior, o que relativiza a noção de *original*, retirando-lhe a dignidade mítica e abalando o preconceito – básico para o complexo de inferioridade colonial – embutido nessas noções. Nem por isso, entretanto estas se tornam supérfluas, como querem os amigos da intertextualidade e de Derrida, os quais mal ou bem supõem um espaço literário que não existe, sem fronteiras, homogêneo e livre, onde tudo, inclusive o original – e portanto nada – é cópia. Só por ufanismo ou irreflexão alguém dirá que a eventual superioridade de um artista latino-americano sobre o seu exemplo europeu indica paridade cultural das áreas respectivas, por *aí ocultando as desigualdades e sujeições que teriam de ser o nosso assunto por excelência*. É um bom resultado da *déconstruction*. além de uma alegria, saber que os latino-americanos não estamos metafisicamente fadados à inferioridade da imitação, já que também os europeus imitam (aí a relativização da origi-

38. SCHWARZ, Sequências brasileiras, p. 26.

39. SANTIAGO, *Uma literatura nos trópicos*, p. 22.

40. SANTIAGO, *Uma literatura nos trópicos*, p. 22.

nalidade). Mas seria cegueira não enxergar que a inovação não se distribui por igual sobre o planeta, e que se as causas dessa desigualdade não são metafísicas, talvez sejam outras<sup>38</sup>.

Percebe-se que a relativização da originalidade não apaga as dificuldades históricas e coletivas do subdesenvolvimento, até porque, se colocarmos a relação entre o escritor europeu e o latino-americano na balança, a quem cabe mais inventar modelos do que reinventá-los? Acho que não teríamos dúvida em constatar que ao primeiro cabe muito mais o papel da invenção do que o da subversão. Como disse Schwarz, a "inovação não se distribui por igual sobre o planeta". Além disso, as causas dessa desigualdade não são metafísicas ou puramente existenciais, mas históricas. Talvez resida aí um grave pecado do ensaio de Silviano Santiago. Quase todo leitor deve ter uma vontade imensa de concordar com os argumentos do crítico ao ler o seu texto, porém, quando analisados mais a fundo, aparentam fundamentar-se mais nas impressões de um sujeito ansioso por ver a literatura de sua nação no lugar que ele julga adequado. O fundamento que rege o texto é retirado de Roland Barthes: "que textos eu aceitaria escrever (reescrever), desejar, afirmar, como uma força neste mundo que é meu?<sup>39</sup>". Privilegia-se o "leitor" e a rearticulação de sentido operado por ele, na direção de seu desejo, "segundo sua própria direção ideológica" e "sua visão do tema"<sup>40</sup>. Em contraponto a todo esse egotismo

interpretativo e teórico, o método de Schwarz busca compreender o problema como uma situação de formas trabalhando sobre formas. E este conceito aqui – tanto quando se fala de forma histórica quanto estética – é objetivo, pois seu sentido não está totalmente submetido à maneira segundo a qual o enxergamos, conforme seria no raciocínio metafísico de Silviano Santiago. A partir dessa ótica, de base adorniana, exemplos como os de Claudio Manoel da Costa, Machado de Assis, Aluísio Azevedo e Paulo Lins, entre outros, nos apontam que "a universalidade dos países que nos servem de modelo não convence e sua aplicação direta aos nossos é um equívoco"<sup>41</sup>. A forma estética engendrada na obra desses autores repercute o dilema da formação de um país dependente, cuja ânsia em deixar de sê-lo não pode camuflar a realidade. As ambivalências que compõem a forma de um poema ou de um romance não são simples traços de escritura ou jogo sígnico. Elas existem também fora da literatura e não podem ser apagadas em um passe de mágica, ou melhor, por meio de um desrecalque que nos retira da periferia e nos coloca no "entre-lugar".

### CONCLUSÃO

Após as breves comparações entre os dois críticos, creio que tenha ficado claro que observar a literatura e a cultura a partir de um ponto de vista materialista-dialético – o que é muito difícil – é sempre produtivo, pois, assim como as

41. SCHWARZ, *Martinha versus Lucrecia*, p. 49.

questões estéticas ganham força quando pensadas a partir de um ponto de vista histórico, as questões históricas também são melhor compreendidas se associadas a elementos estéticos, conforme faz Roberto Schwarz.

É importante deixar claro que a comparação entre o método dos dois autores não visou apontar que um estava certo e o outro equivocado, até porque, trata-se de duas linhas de raciocínio que já possuem lugares estabelecidos no contexto acadêmico. Trata-se, então, de pensar em termos de adequação do modelo de abordagem ao objeto. Nesse caso, o objeto, a formação cultural e literária de um país dependente, pede uma perspectiva de análise capaz de absorver o lastro histórico e social que ele possui. O método adotado por Silviano Santiago pode ser concebido como adequado para tratar de outras questões – o crítico foi um dos primeiros a trabalhar com o pensamento pós-estruturalista no Brasil e também é um dos pioneiros nos estudos homoeróticos no Brasil –, entretanto, a ótica materialista de Schwarz apresenta-se mais ajustada para pensar o lugar e as condições do sistema literário brasileiro. Assim como Adorno, ele sabe que considerar a cultura como algo autônomo, ainda que apenas metodologicamente, seria colaborar para o próprio desmembramento da cultura, “pois o conteúdo da cultura não reside exclusivamente em si mesma, mas em sua relação com algo que lhe seria externo: o processo material da vida<sup>42</sup>”. A crítica dialética

posiciona-se de modo dinâmico ao compreender a posição da cultura no interior do todo. Já para Silviano Santiago, a dependência, muitas vezes, pode ser superada por meio de uma postura combativa – estamos no plano psicológico – ou por motivações discursivas. A cultura, para ele, é entendida de maneira pura, como se não estivesse impregnada de outros elementos que configuram o âmbito social. Realmente, seria bom se assim fosse, no entanto, os obstáculos que acometem a arte de um país periférico não aparentam estar desligados das iniquidades estabelecidas na esfera da produção e da economia.

#### REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Prismas: crítica cultural e sociedade**. Tradução de Augustin Wernet e Jorge Mattos. São Paulo: Ática, 1998.
- ANDRADE, Oswald de. **Pau Brasil**. 2ªed. São Paulo: Globo, 2003.
- BUARQUE, Sérgio. **As raízes do Brasil**. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BUENO, Luís. “Provincianismo e literatura mundial”. In: ACÍZELO; SALES (ORG.). **Literatura brasielira: região, nação, globalização**. Campinas: Pontes editores, 2013.
- OLIVEIRA, Francisco de. **O Ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo editorial, 2003.

42. ADORNO, *Prismas*, p. 19.

SANTIAGO, Silvano. "O entre-lugar do discurso latino americano". In: **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural**. São Paulo: Perspectiva: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro**. 5ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SCHWARZ, Roberto. **Martinha versus Lucrecia: ensaios e entrevistas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SCHWARZ, Roberto. **Que horas são?**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. SCHWARZ, SCHWARZ, Roberto. **Sequências brasileiras: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis**. 4ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.